

6

Considerações Finais

A área concentrada da agricultura moderna na BR-163 mato-grossense, especialmente nos municípios de Lucas do Rio Verde, Nova Mutum e Sorriso, tornou-se alvo de transformações ao articular a cadeia produtiva de grãos à cadeia de carnes, contexto no qual se insere o segmento avícola. Tendo como marco os anos 2000, a cadeia carne/grãos tem recebido investimentos por parte de grandes empresas como a Sadia e a Perdigão, repercutindo em (re) organizações espaciais, principalmente em Lucas do Rio Verde e em Nova Mutum. O aumento da possibilidade de ampliação da escala de produção de frangos foi o principal fator que atraiu estes investidores, além da existência de um ambiente político favorável, a presença de elevado nível técnico e a disponibilidade de terras, favorecendo as empresas.

A agregação de valor e a diversificação da produção foram apresentadas como alternativa à “crise” dos anos 2000 vivenciada pelo agronegócio. Entendemos que a “crise”, identificada pelos grandes produtores, abriu espaço para uma nova fase do processo de modernização da agricultura que, expressando-se na cadeia carne/grãos, favorece, ainda mais, a interdependência entre a agricultura e a indústria, realizando-se a partir da correlação entre antigas e novas relações de produção e de trabalho.

Contudo, a instalação de unidades agroindustriais da Sadia e da Perdigão em Mato Grosso não é um processo tão recente, não sendo uma resultante imediata da tentativa de superação das conjunturas desfavoráveis no agronegócio. O novo modelo de integração no segmento avícola na região distingue-se daquele vigente no Sul do país em termos de novas tecnologias e da articulação das diferentes etapas do processo produtivo do frango, exigindo também nova infraestrutura para a sua realização.

Ocorre a introdução de novos fixos como os aviários, as fábricas de rações, novos armazéns, o abate, os frigoríficos e as esmagadoras, que, gerando fluxos específicos de capital, de crédito e de tempo, intensificados, sobretudo, pelas inovações nos sistemas de transportes e de comunicações, demandam ações particulares e direcionadas para o alcance de objetivos propostos. Entrelaçadas em um determinado meio técnico-científico-informacional, as novas formas e funções são estabelecidas com base em mudanças estruturais, que se apresentam em processo de formação. Nesse

contexto, a técnica constitui o carro-chefe das novas exigências em termos de trabalho e da própria (re)organização espacial da área em estudo.

Nesta região, neste momento, a cadeia carne/grãos não se estabelece a partir de uma inclusão igualitária de pequenos, médios e grandes produtores no processo produtivo, não alcançando a todos os espaços simultaneamente e nem com a mesma intensidade, sendo privilegiado o grande capital, que leva à concentração de terras e de renda. Esse processo inviabiliza a participação efetiva dos pequenos produtores na condição de integrados.

Constatamos um significativo crescimento da população residente, com destaque para a população urbana, e da população ocupada nos três municípios sede da cadeia produtiva. Este incremento populacional está estritamente ligado à entrada de migrantes, que são atraídos em sua imensa maioria pelas vagas de emprego oferecidas na área, tendo em vista a escassez de mão-de-obra na região. Nesse sentido, o mercado de trabalho em sua atual configuração geral tem se constituído mais por trabalhadores das regiões Sul e Nordeste. Os trabalhadores do Sul, geralmente são mais escolarizados, sendo, por isto, empregados em cargos mais elevados, recebendo salários mais altos. Os nordestinos, por outro lado, ocupam cargos que exigem pouca ou nenhuma escolaridade, recebendo remunerações mais baixas. Assim, devido aos fluxos migratórios, os grupos são formados por sulistas, mato-grossenses e, recentemente, por nordestinos, embora a entrada de migrantes e o próprio processo de urbanização sejam controlados pelos municípios.

Porém, esses grupos se inserem de forma desigual no espaço e no tempo, o que se distinguirá conforme a renda recebida, tendo íntima relação com a própria origem da força de trabalho. Nesta perspectiva, ficou claro que o grupo de sulistas, uma vez respeitadas as diferenças dentro do próprio grupo, são privilegiados, têm melhores condições de vida, pois ocupam os cargos mais elevados e, por isto, recebem os melhores salários, habitam os melhores bairros e casas e ocupam cargos políticos de importância. Mesmo em uma região tão distinta de sua origem, têm sua cultura respeitada e claramente (re)produzida, territorializando-se em um espaço de tempo mais curto, com maior aceitação, até porque têm presença expressiva em termos de número e de tempo de migração para a região.

Chamou-nos a atenção a pequena presença de mato-grossenses nas fazendas, nas empresas e instituições públicas e privadas visitadas e, devido ao biotipo das pessoas e aos sotaques, em muitos momentos, tivemos a impressão de estar no Sul e não no Centro-Oeste. Expressão desse poder é a presença

dos Centros de Tradição Gaúcha - CTGs em Lucas do Rio Verde, em Nova Mutum e em Sorriso.

A população empregada encontra-se distribuída entre os principais setores da economia que vêm crescendo significativamente com a chegada de grandes agroindústrias integradoras de aves e de suínos na área. Serviços e comércio foram os setores da economia que mais se destacaram no aumento do emprego de trabalhadores, vindo em seguida a agropecuária, a indústria – como resultado direto da instalação das agroindústrias Sadia e Perdigão, e a construção civil.

Cada segmento da cadeia exige um tipo de trabalhador que domine as especificidades da etapa do processo técnico-produtivo na qual está envolvido. Esse sistema produtivo está em constante transformação, sendo atualizado e complexificado com inovações tecnológicas. Máquinas, insumos, sementes melhoradas, ou seja, os padrões mecânico, químico e biológico são modificados na busca por um aumento do rendimento médio da terra e da produtividade do trabalhador.

Assim, considerar a interrelação entre os conceitos de técnica, trabalho e espaço foi essencial na presente tentativa de estudar as transformações no trabalho formal decorrentes da instalação da cadeia carne/grãos na área de estudo. A técnica enquanto um instrumental e modo de fazer do homem só se torna possível a partir das relações sociais e, mais especificamente, com as relações de trabalho, que permitem a reprodução da sociedade como ela se apresenta, garantindo a acumulação de capital. Assim, o trabalho é estabelecido por novas e/ou antigas relações trabalhistas, que determinam os parâmetros para as exigências em termos de perfil de mão-de-obra demandado.

A competitividade em nível global exige o aumento dos implementos técnicos, buscando ampliar a produtividade nos graus mais elevados possíveis. Assim, o espaço é organizado de maneira a atender, da forma mais eficaz possível, as demandas dos atores hegemônicos. Por outro lado, o trabalho tende a ser reorganizado para otimizar a base técnica, sendo apreendido como a atividade centralmente estruturadora do espaço, uma vez que é a partir dele que o homem transforma e (re)produz o espaço e a si próprio.

O trabalho sofre intensas transformações devido aos avanços tecnológicos e às mudanças organizativas realizadas pelos atores hegemônicos visando à ampliação da acumulação. Por um lado, as novas requisições técnicas exigem cada vez mais trabalho qualificado, associando a isto o desrespeito aos direitos trabalhistas e o aumento da presença do subemprego e da instabilidade no

emprego, que se fazem reais, onde a possibilidade de ficar desempregado é quase sempre bem próxima.

No que tange à produção de grãos e à criação de aves, há o incremento das contratações de trabalhadores formais em todos os municípios sede da cadeia carne/grãos na BR-163. Inferimos que este aumento se deve ao incremento da demanda por produção de grãos e pelo desenvolvimento do segmento avícola resultantes da instalação da cadeia carne/grãos. Entretanto, embora haja a constatação de aumentos quantitativos no número de trabalhadores, quando relacionamos esse crescimento à produção de grãos e de aves, constatamos que o número de trabalhadores é proporcionalmente pequeno. Entendemos que isto é possível devido ao elevado nível técnico utilizado nesta cadeia produtiva.

Há uma tendente demanda por trabalhadores mais escolarizados na totalidade da cadeia produtiva, não havendo, no entanto, eliminação do trabalho menos qualificado. O trabalhador com este perfil, geralmente é empregado de forma terceirizada e/ou temporariamente, estando, por vezes, ligado ao mercado informal, onde os trabalhadores não têm os seus direitos trabalhistas respeitados, sua carteira de trabalho não é assinada e trabalham sem salário fixo, vivendo em constante instabilidade social e financeira. A constatação de trabalhadores na informalidade sinaliza o grau de seletividade de trabalhadores instaurada na área de estudo, especialmente, no que tange ao número e à qualificação exigidos. Assim, em uma região em que se afirma ter “escassez de mão-de-obra”, há também registros, mesmo que ainda pequenos, de desemprego. Consideramos, portanto, que a falta de força de trabalho não está ligada somente às novas demandas por maiores números de trabalhadores, mas também à necessidade de novos perfis de trabalhadores.

As permanências e as mudanças coexistem, estando muitas vezes as antigas relações de trabalho revestidas de novidade, repetindo em sua essência a lógica das relações de trabalho pré-existentes. A empresa passa a chamar o trabalhador de colaborador, o que parece inovar a relação entre as partes. Afinal, sob um olhar superficial, esta denominação reduz o peso desta relação, onde os funcionários passam de meros cumpridores de ordens patronais à categoria de sócios e/ou parceiros da empresa. Porém, o que nos parece uma mudança de mentalidade, de consciência e de valores da empresa pode mascarar uma realidade que permanece essencialmente a mesma, podendo reforçar o poderio do patrão sobre o empregado. Então, o uso da expressão “colaborador”, na maioria das vezes, parece indicar apenas uma troca de nome, preocupação que

reforça a centralidade do trabalho, da figura do trabalhador. Chamar o trabalhador de “colaborador” talvez seja mais um “modismo” que também chega aos municípios sede da cadeia carne/grãos. Esse “modismo” pode significar exigências em termos de maior envolvimento do trabalhador com a empresa, expressando-se em novas relações de trabalho na exigência de novas posturas e cobrança do trabalhador.

As “vilas operárias” construídas por agroindústrias como a Sadia e por empresários rurais, como no caso do Grupo Vanguarda, em uma primeira análise, expressam a preocupação com a moradia dos funcionários, que têm dificuldades de encontrar casas para alugar na cidade que estejam dentro de suas condições financeiras. Contudo, percebemos que o morar na empresa ou na fazenda resultam em maior submissão do empregado à empresa. Esta passa a controlar mais de perto e por mais tempo o empregado que, agora submete ainda mais a sua vida à empresa, que diretamente, controla melhor os horários de entrada e de saída no trabalho e suas idas à cidade para consultas médicas, para se divertir ou para resolver seus problemas particulares (caso do Grupo Vanguarda), chegando a controlar o seu tempo de lazer. Além disso, o trabalhador passa a ter sua moradia atrelada à sua permanência na empresa, o que consideramos ainda mais grave, principalmente porque muitos dos que estão vivendo nessas condições são pessoas que migraram com seus familiares.

Mesclando mudanças e permanências, as exigências em termos de perfil de trabalhador são alteradas, transformando as relações de trabalho e o que se entende por trabalho. As alterações em termos de demanda por trabalho, recaem sobre o trabalhador em si, uma vez que este é o agente do trabalho. Afinal, o trabalho só existe com a presença do trabalhador, mesmo que esta se apresente em forma de trabalho morto, ou seja, trabalho concretizado nas máquinas, nos aparatos técnicos. As mudanças no trabalho, simultaneamente, transformam o trabalhador e os significados do trabalho, porém, o trabalho não perdeu sua centralidade. Estamos vivendo este processo e, por isto, essa realidade ainda é pouco clara em suas especificidades, mas consideramos que foi importante apontar o que percebemos, ficando os outros passos para a caminhada que nós e outros seguiremos.

Os fatos expressam a importância do estudo aqui realizado, apontando para a necessária continuação de sua jornada. Mas, também relativizam nosso conhecimento acerca do que aqui foi exposto, deixando como uma de suas contribuições a dúvida, a necessidade de se reconhecer que o processo é

contínuo e nem sempre muito claro, fugindo a nossa compreensão muitas vezes. Pretendemos continuar o movimento desta “carruagem”, sabendo que seremos questionados por nós mesmos e por outros pelo que aqui registramos ou deixamos de registrar. Estando, parcialmente conscientes de nossos conhecimentos e ignorâncias, reconhecemos que o presente estudo ainda pode avançar muito, considerando que:

(...) Tudo que dizemos tem um “antes” e um “depois” -- uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (...), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas (...) (STUART HALL inspirado em DERRIDA, 2005, p. 41)